

EIXO 3: POLÍTICAS CURRICULARES, AVALIAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ÂMBITO LOCAL, NACIONAL, REGIONAL E GLOBAL

POLÍTICAS CURRICULARES PARAIBANAS: ONDE ESTÃO OS “MBYA ARANDU”?

Joarlan de Sousa Colaço
UFCG.
joarlan.sa@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa objetiva em um primeiro momento analisar o “currículo” ou documentos sobre os saberes dos povos originários. Em outras palavras: como se configuravam, e se configuram, os modos de transmissão e de conhecimento: saber coletivo, cosmovisão, conhecimento aplicado, propriedade intelectual, línguas, simbologia, entre outros aspectos que compõem o ser e saber dos povos originários, que foram e ainda são apagados e/ou relegados a uma marginalidade social e educacional. O trabalho também analisará o currículo paraibano, de modo contestar a ausência dos saberes ancestrais no sistema educacional da Paraíba. Por último, será avaliado fundamentos que podem orientar o currículo escolar a partir do currículo decolonial de uma escola na cidade de Salvador, cujo mote de seu projeto político pedagógico é uma educação decolonial, trata-se da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa. A partir dessa análise e questionamentos, bem como da perspectiva do pensamento latino-americano de decolonialidade, este trabalho investiga o lugar e a centralidade do conhecimento no contexto das perspectivas educacionais, com vistas a apresentar as demandas de espacialização do conhecimento a partir da imbricação entre espaços, saberes e poderes, que resulta na noção de geopolíticas (plurais) do conhecimento, e percorre propostas de descolonização epistemológica estabelecendo um diálogo entre o pensamento descolonizador latino-americano. A urgência em se ter modos decoloniais de se pensar as relações sociais em todas as suas ordens, tem desencadeado um esforço coletivo e epistêmico de sujeitos, coletivos, comunidades e pensadores para fomentação e construção de outros de se enxergar, viver e intervir no mundo. A partir disso, insurgências ao eurocentrismo vão acontecendo e outras práticas pedagógicas vão ganhando espaço, mas não sem luta. Pesquisadoras(res) e intelectuais investem em

conhecimento não-eurocêntrico, buscam, debatem, apresentam outras pedagogias, outros currículos. Essas pesquisas e discussões, explicitam como os modos de se pensar e fazer educação, estão em movimento, questionando práticas universalistas e epistemicidas de se viver e construir conhecimento. No Brasil, a já grande e agora ainda maior entrada de alunos e professoras(res) não-brancos, tem inegavelmente nutrido os espaços acadêmicos, sobretudo de ensino superior, com um público cada vez mais diverso. Estes movimentos de pluralização social acadêmica, é também um movimento de fomento a diversidade de conhecimentos trazidos por discentes e docentes não-brancos, enriquecendo as discussões e fazer pedagógico. O chamado universalismo abstrato é algo singular que existe como sendo comum a todos os povos e se difunde como dissociado e sem ligação com qualquer lugar do mundo. Essa tal singularidade, tida como universal, é, pois, um “engodo” e gera uma “bomba cultural”, cujo efeito é apagar a crença das pessoas nelas mesmas. Diante dos vários tolhimentos e cerceamentos imperialistas europeus sobre os povos do sul-global, esse trabalho objetiva, em primeiro momento, debruçar-se em análise histórica sobre o epistemicídio do saber, que nas palavras do grupo modernidade/colonialidade trata-se: a colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza, etc. que foram forjadas no período colonial (Bernardino-Costa, Maldonado-Torres, Grosfoguel, 2024). Em segundo momento, realizar análise do currículo escolar da Escola Maria Felipa de modo a refletir sobre as possibilidades de replicar esse currículo em algum âmbito do ensino básico público do Estado da Paraíba. Isso posto, a presente pesquisa pretende analisar os aspectos postulados pela decolonialidade no tocante à construção do conhecimento, mais especificamente como a decolonialidade pode desconstruir práticas de fomento ao conhecimento a partir da perspectiva do sul-global, propondo possibilidades de intervenções pedagógicas nos modos de se pensar e fazer educação no Brasil que contemplem pragmaticamente – para além da lei 10.639/03 e 11.645/08, o conhecimento, a cultura, a geopolítica/corpo-política de afro-brasileiro e população afrodiaspórica. Isso posto, a presente pesquisa justifica-se por uma ainda necessidade de intervenções pedagógicas, sociais, culturais, étnicas e políticas, que contemplem não apenas um único modo de ver e vivenciar o mundo e construir saberes, mas modos distintos, sobretudo os que foram, e ainda são

expropriados de suas competências e gênese. Assim sendo, as perguntas problemas que norteia a presente pesquisa é: Como o pensamento decolonial e afrodiaspórico podem contribuir para manutenção dos modos de fazer educação no Brasil em detrimento das estruturas sociais coloniais ainda vigentes? Não obstante, se há um currículo decolonial, se já há a prática escolar e educacional decolonial, é possível replicar esse conhecimento no âmbito do ensino básico público? De que forma? Através de uma análise e apresentação de fundamentos decoloniais que orientam o currículo escolar de uma escola na cidade de Salvador, cujo mote de seu projeto político pedagógico é uma educação decolonial, trata-se da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa.

Referências

BERNARDINO-COSTA, Joaze. MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSGOUEL, Ramón. Organizadores. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. – São Paulo: Autêntica; 2019.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Trad. Noêmia de Sousa. 1ª ed. – São Paulo: Editora Veneta, 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Minas Gerais: Editora UFJF, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando o currículo. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 223-247.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2ª edição, 2017.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo-SP: Companhia das Letras. 1ª edição, 2022.

RIBEIRO, Maria Luiza S. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 1987.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

TONET, Ivo. **Método Científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.